



Alex Agostini

Em valorização constante

O atual patamar da taxa de câmbio no Brasil é o menor desde novembro de 2000. Durante o período observado, a moeda nacional chegou à sua maior cotação: R\$ 3,9552/US\$, em 22 de outubro de 2002, no auge da crise de confiança no País, às vésperas da eleição presidencial daquele ano. Hoje, após romper a barreira dos R\$ 2,0/US\$, as dúvidas que surgem são: o processo de valorização vai continuar; a cotação pode chegar a R\$ 1,80/US\$ ou R\$ 1,50/US\$; quais os efeitos sobre a economia brasileira?

A resposta para as duas primeiras questões é: sim! Preservado o cenário internacional e doméstico, o processo de valorização do Real certamente vai continuar, podendo ainda chegar a R\$ 1,80/US\$ ou R\$ 1,50/US\$ ou mesmo ficar abaixo disso. Porém, as chances de a moeda alcançar o valor de R\$ 1,50/US\$ são remotas, mas não desprezíveis! A certeza diante desse cenário é a de que o suporte de R\$ 1,90/US\$ será o próximo desafio a ser superado, com um pouco mais de facilidade que os R\$ 2,0/US\$. Mas vale ressaltar que a ocorrência de fatores imponderáveis, como a explosão de uma crise externa ou atentados terroristas de proporção significativa, pode reverter esse cenário.

E se, historicamente, a desvalorização da moeda nacional era um termômetro da desconfiança dos investidores, o atual processo de valorização do Real também não pode ser considerado um reflexo de ampla confiança, por ser fomentado por uma onda de otimismo mundial – que atinge vários países –, não se caracterizando, portanto, como “vicissitudes” exclusivas do Brasil! No entanto, não podemos ignorar os avanços da economia brasileira em questões relacionadas à redução da solvência externa e interna, mesmo que, em grande parte, motivada por uma inércia global e, em menor parcela, por estratégias do governo. As condições favoráveis da economia mundial permitiram que o país reduzisse



seu estoque de dívida externa e melhorasse de forma significativa o perfil dessa dívida.

Alguns indicadores que medem o nível da solvência externa avançaram significativamente. A relação reservas sobre dívida externa, por exemplo, atingiu seu melhor nível em 1996, com 33,4% da dívida coberta pelas reservas, e em março último chegou a 74%, com perspectivas de alcançar 100% até o início de 2008.

Efeitos positivos – A valorização da moeda exerce uma influência direta na economia nacional, seja de forma positiva ou negativa. O que se observa é que há uma ampla corrente apontando mais os efeitos negativos. Mas uma simples análise faz concluir

que os pontos positivos pesam mais. A corrente que aponta os efeitos negativos destaca, primordialmente, a perda de competitividade dos produtos nacionais e deseja a intervenção do governo com “medidas protecionistas”, enquanto a que aponta as questões positivas defende, por exemplo, a “âncora cambial”, que tem facilitado a vida do Banco Central (BC) quanto à execução da política monetária dentro do sistema de metas. Vale destacar que, nos últimos três anos, o BC obteve sucesso no cumprimento da meta para inflação.

Enfim, se para uns a valorização do Real é negativa, e não há perspectivas de mudanças – pois o governo não tem instrumentos ortodoxos para alterar a situação, além do que já vem realizando (compras de moedas no mercado à vista e realização de swaps reverso) –, para a maioria o quadro é positivo e continuará desfrutando dos benefícios gerados pelo Real forte! 📈

Alex Agostini é economista-chefe e coordenador de *rating* de entes públicos da Austin Rating – Agência de classificação de risco